APRESENTAÇÃO

DOI: 10.61623/cpe.v12n18.a01

Rodrigo Almeida*

A presente edição dos *Cadernos de Política Exterior*, de Número 18, reflete o compromisso permanente do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI) da Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG) com a excelência acadêmica e a difusão de conhecimentos estratégicos sobre a inserção internacional do Brasil. Os artigos científicos que compõem este volume foram submetidos à avaliação cega por pares, em consonância com os critérios de rigor metodológico e credibilidade institucional que orientam as publicações da FUNAG.

Destaque especial é conferido aos trabalhos laureados na Primeira Edição do Prêmio Mônica de Menezes Campos, criado pela FUNAG em homenagem à primeira mulher negra a ingressar na carreira diplomática brasileira e que tem por objetivo valorizar a contribuição intelectual de estudantes e pesquisadores brasileiros negros (pretos ou pardos) residentes no Brasil ou no exterior no campo das Relações Internacionais.

Os quatro artigos agraciados, todos de autoria de jovens pesquisadoras e pesquisadores, renovam o debate sobre temas da pauta internacional a partir da aplicação de lentes críticas como raça e gênero, permitindo identificar estruturas de poder, exclusões históricas e novas formas de atuação normativa, além de conectar fenômenos domésticos a compromissos internacionais e à imagem que os Estados projetam no mundo. Oferecem, ainda, visão analítica sobre a postura diplomática e institucional do Brasil frente aos desafios inerentes à promoção da igualdade racial e dos direitos humanos das pessoas afrodescendentes.

Maria Tereza Santos Pereira e Gabrielly Pereira Fonceca refletem acerca dos impactos do racismo ambiental sobre a vida das mulheres negras no Brasil, com foco na alegada invisibilidade da referida temática nos discursos proferidos por autoridades durante a 29ª Conferência das Partes (COP) da

* Diplomata de carreira. Conselheiro e Diretor do IPRI/FUNAG.

Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC, na sigla em inglês), realizada em 2024, nove anos após os compromissos climáticos do Acordo de Paris. Em seguida, Jéser Abílio de Souza problematiza a resposta da política externa brasileira aos compromissos assumidos pelo país em razão da Primeira Década Internacional de Afrodescendentes (2015-2024) promulgada pelas Nações Unidas – que teria criado plataforma estratégica para potencializar a justiça racial e resgatar as contribuições da Conferência de Durban (2001), ainda não aproveitada pelo Brasil em sua totalidade devido a flutuações diplomáticas resultantes de tensões políticas internas. Fernanda Schmöller da Silva, por sua vez, apresenta dissertação sobre o capitalismo racial enquanto mecanismo de expropriação do corpo negro, argumentando que o sistema agroexportador brasileiro representaria a continuidade de estruturas coloniais, da concentração fundiária e da legitimidade da violência, com base em estudos de W. E. B. Du Bois e Rosa Luxemburgo. Por fim, no âmbito da Ásia Central, a política externa do Cazaquistão é analisada por Guilherme Geremias da Conceição à luz da disputa entre China e Rússia por influência naquela região, valendo-se das perspectivas do Realismo Periférico, de Carlos Escudé, e da Autonomia, de Juan Carlos Puig, para investigar se abordagens pensadas para a América Latina poderiam iluminar o comportamento de outros países periféricos, contribuindo para um diálogo teórico inter-regional.

Outros textos de pesquisadores e diplomatas também contemplam regiões geográficas com presença menos frequente na produção acadêmica brasileira de Relações Internacionais, investigando processos de adaptação autoritária e abertura econômica e diplomática, assim como a crise de modelos seculares e a ascensão de sistemas político-religiosos como resposta a vácuos de legitimidade regional. Bruno Quadros e Quadros aborda país da Ásia Central e argumenta que as reformas implementadas no Uzbequistão sob o atual Presidente Shavkat Mirziyoyev não constituem ruptura democrática em relação ao legado autoritário do seu predecessor, Islam Karimov (1991-2016), caracterizando medidas como liberalização econômica e reorientação da política externa à cooperação regional e engajamento global como parte de um novo processo de adaptação autoritária.

Na região do Oriente Médio, Leandro Gabriel Caporale analisa as dinâmicas políticas, sociais e identitárias que moldaram a trajetória da Síria, com foco na ascensão e queda do regime Ba'ath e no islamismo político como resposta às demandas por identidade e autonomia no contexto pós-colonial, além do papel exercido por potências internacionais na reconfiguração política regional. Elisa Lobo Pereira examina o papel das mídias sociais na mobilização política durante a Primavera Árabe, com foco em países como Tunísia, Egito e Líbia e baseada

em marcos teóricos da sociedade em rede e da ciberdemocracia, analisando até que ponto as plataformas digitais contribuíram para a organização de protestos e os limites estruturais que moldaram seu impacto nos processos de democratização pós-2011.

Também é objeto de análise o papel exercido por novas tecnologias no atual tabuleiro internacional, na qualidade de catalisadores para a mobilização social e ferramentas de inovação que aceleram processos financeiros. Jorge Alberto Orellana Aragón e Lauro Saraiva Teixeira Junior analisam o sistema descentralizado *blockchain* como ferramenta de modernização, cuja aplicação no comércio internacional poderia ser ampliada para reduzir custos e riscos, além de desburocratizar o armazenamento de dados, com foco em suas aplicações atuais (*smart contracts* e criptomoedas como a *bitcoin*) e no seu potencial no sentido de alterar profundamente a forma como realizamos transações. Júlia R. Foggia analisa o impacto das divergências ideológicas presentes na aplicação da política externa brasileira no período de 2008 a 2022, no âmbito da cooperação em Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) com os demais membros do BRICS, onde o engajamento do Brasil haveria oscilado drasticamente, comprometendo resultados duradouros.

Izabella Lemos, Isabela Garbin e Joan Candeias analisam, sob as óticas construtivista e neogramsciana, como os *think tanks* norte-americanos influenciaram, do período entreguerras à Guerra ao Terror, a política externa dos Estados Unidos, contribuindo para a legitimação e reprodução da ordem internacional liberal por meio de sua atuação como infraestruturas intermediárias de poder ideacional, ao articular produção de conhecimento, redes de elite e processos decisórios.

Este volume ainda conta com artigos que trazem perspectivas históricas e teóricas que dialogam com temas contemporâneos. Paulo Roberto de Almeida apresenta o contexto de fragilidade da economia brasileira após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a atuação para reverter esse quadro durante a Conferência de Paz de Paris (1919), com o pagamento das exportações do café brasileiro em Hamburgo e Trieste, retidas pelos Impérios centrais, e a compensação financeira e material relativa a navios alemães retidos em portos brasileiros. E Fábio Albergaria de Queiroz analisa o papel dos elementos cognitivos, em particular das imagens, na formulação e implementação da Política Externa Independente (PEI, 1961-1964), que caracteriza como marco na estratégia de inserção internacional do Brasil, orientando – e, em certa medida, condicionando – a própria construção dos interesses nacionais em contexto de transformações estruturais do sistema internacional.

Os doze artigos que compõem esta edição dos *Cadernos de Política Exterior* articulam panorama que conecta a evolução histórica da política externa à busca contemporânea por autonomia e justiça social, especialmente no Sul Global. A diversidade temática das reflexões, matizadas por releituras críticas e condizentes com o atual panorama mundial, reafirma a importância de estabelecer uma agenda acadêmica voltada a temas como soberania, diversificação de parcerias e defesa dos direitos humanos, assim como preencher lacunas históricas e teóricas por meio de perspectivas enraizadas nas periferias globais. A seleção dos trabalhos aqui apresentados buscou conciliar, sobretudo, abrangência e atualidade, além de garantir espaço para a continuidade do diálogo entre diversidade teórica e prática diplomática no cenário global contemporâneo.